

ISKCON E INTERFÉ



A Iskcon em Relação a Pessoas de Fé em Deus

'ISKCON em Relação a Pessoas de Fé em Deus' é desenvolvido pela *ISKCON Interfaith Commission* e é autorizado pelo Comitê Executivo do GBC da ISKCON.'

Seu processo de elaboração envolveu vasta consulta a respeitados Vaisnavas, estudiosos proeminentes e representantes religiosos.

Este processo foi conduzido por Saunaka Rsi dasa, o presidente da *ISKCON Interfaith Commission*, e inclui, entre outros, o Prof. Frank Clooney, Prof. Kenneth Cracknell, Hrdayananda dasa Goswami, Mukunda Goswami, Tamala Krsna Goswami, Prof. Klaus Klostermaier, Dr. Julius Lipner, Prof. John Saliba, Prof. Larry Shinn e Ravindra Svarupa dasa.

Qualquer correspondência pode ser enviada para:

ISKCON Interfaith Commission

63 Divinity Rd

Oxford

OX4 1LH

United Kingdom

ou ICRC@pamho.net

'A Iskcon em Relação a Pessoas com Fé em Deus' é publicado pela *ISKCON Communications*, 2004.

Detentora dos direitos autorais.

Tradução portuguesa de Bhagavan dasa (DvS)

ISKCON (Sociedade Internacional para a Consciência de Krsna) pertence à denominação ou tradição Gaudiya Vaisnavava Sampradaya, tradição monoteísta dentro da cultura Védica ou Hindu. A cultura Hindu é vasta, e o termo “Hinduísmo” compreende diversas teologias, filosofias, tradições religiosas e culturas espirituais. Assim, um diálogo com tradições Hindus é comumente de difícil realização. Não há representantes oficiais do Hinduísmo, uma vez que o termo Hinduísmo não implica uma única tradição espiritual. Este documento, portanto, representa a cultura e religião Hindu como ela é manifesta na ISKCON, uma tradição Vedântica monoteísta Vaisnava.

Parte Primeira
Declaração de Interfé da ISKCON
A Iskcon em Relação a Pessoas com Fé em Deus

Na ISKCON, consideramos o amor por um Deus Supremo pessoal como sendo a forma de expressão religiosa mais elevada, e reconhecemos e respeitamos esta expressão em outras tradições teístas. Respeitamos o valor espiritual de caminhos de genuína auto-realização e busca da Verdade Absoluta nos quais o conceito de uma Deidade pessoal não está explícito. Outras comunidades e organizações advogando padrões humanitários, éticos e morais também são valorizadas por serem benéficas para a sociedade.

A ISKCON dialoga entre seus membros e entre pessoas de outras fés como uma oportunidade de ouvir outros, de desenvolver compreensão e confiança mútuas e de compartilhar nossa fé e nosso comprometimento com outros, enquanto respeitamos o comprometimento deles com sua própria fé.

A ISKCON reconhece que nenhuma religião é dotada com o monopólio da verdade, da revelação de Deus ou de nossa relação com Deus.

Os membros da ISKCON são encorajados a serem respeitosos com pessoas de fé de outras tradições e a verem a necessidade das pessoas de diferentes fés trabalharem juntas para o benefício da sociedade como um todo e para a glorificação de Deus.

A ISKCON confirma a responsabilidade de cada indivíduo desenvolver sua relação com o Senhor Supremo.

Parte Segunda

A Missão da ISKCON

Quando A.C. Bhaktivedanta Svami Prabhupada (1896–1977), o fundador *acarya* (preceptor espiritual) da ISKCON, registrou a ISKCON como uma entidade legal em Nova Iorque em 1966, ele estabeleceu que seu foco primário para o movimento era: “Propagar sistematicamente o conhecimento espiritual para a sociedade em geral, e educar todas as pessoas nas técnicas da vida espiritual, a fim de avaliar os valores da vida que estão em desequilíbrio, e para alcançar a unidade verdadeira e a paz no mundo”.¹

Com esta meta em foco, os membros do movimento Hare Krsna:

- estimam a caridade, a não-violência, a educação espiritual, o pensamento moral e a ação, a devoção e o serviço a Deus.
- estimam qualidades como a humildade, a tolerância, a compaixão, a limpeza, o autocontrole, a simplicidade, a constância, a sabedoria, a honestidade e a integridade pessoal.
- estimam e respeitam o direito à vida de todos os outros seres vivos, sejam eles humanos, animais terrestres ou aquáticos ou formas de vida vegetal. Temos o meio ambiente e os recursos naturais como propriedade de Deus, propriedade esta que temos a responsabilidade de respeitar e proteger.
- reconhecem a instituição familiar como elemento essencial para manutenção da estabilidade social e promoção de valores espirituais.

Consideramos o respeito aos pais, professores e representantes governamentais como importante para a manutenção de uma sociedade estável. Respeito e proteção aos mais velhos, às mulheres, às crianças, aos seres vivos fracos e dependentes e às pessoas dedicadas ao bem estar de outros e ao serviço a Deus também são considerados elementos importantes no desenvolvimento de uma sociedade saudável e segura.

Também compreendemos que muitas pessoas inspiradas espiritual, altruísta e humanitariamente compartilham desses princípios e valores. Respeitamos e valorizamos qualquer tradição ou cultura tentando promover, manter e desenvolver tais qualidades e comportamentos.

A missão de Srila Prabhupada é mais profundamente elaborada em seu *pranamamantra*², no qual é afirmado que ele veio para libertar os países ocidentais da falta de Deus. Bhaktivinoda Thakura (1838–1914), um reverenciado *acarya* Vaisnava, explicou que o inimigo não são as outras religiões, mas o ateísmo (*Sri-Caitanya-Siksamrta* p. 9). A missão de Srila Prabhupada e da *sampradaya* (tradição religiosa) que ele representa, promove moralidade e práticas que apóiam o desenvolvimento espiritual individual e social, e desafia os princípios e valores ateístas e materialistas.

ISKCON: Diálogo e missão

Alguns talvez pensem que, para um movimento missionário, um diálogo com outros que não compartilham as mesmas visões espirituais ou religiosas é uma contradição em propósito. Os ensinamentos do Vaisnavismo Gaudiya, todavia, apóiam o diálogo e a cooperação com outras tradições religiosas como meio de enriquecimento mútuo, através da descoberta das virtudes únicas e universais das várias tradições teístas e éticas.

Historicamente, membros de nossa tradição estiveram em contato com membros de outras comunidades religiosas desde, pelo menos, o tempo de Caitanya Mahaprabhu (1486–1534), embora empreendimentos sistemáticos de diálogo com outras fés tenham começado somente com Bhaktivinoda Thakura.

Relações de confiança podem ser desenvolvidas a partir de diálogos sinceros entre pessoas de fé. Essas relações podem inspirar pessoas religiosas de todas as tradições a trabalharem juntas para se estabelecer conclusões teístas que irão conduzir a um etos de Consciência de Deus em nosso mundo moderno. Assim, o diálogo e o cultivo de relações respeitadas com comunidades de outras fés são condizentes com a missão da ISKCON e são importantes para a harmonia social.

Na década de 50, Srila Prabhupada confirmou esta abordagem em um apelo aos líderes das religiões do mundo: “Hindus, Muçulmanos, Cristãos e membros de outras seitas que têm fé convicta na autoridade de Deus não devem permanecer sentados assistindo silenciosamente ao rápido crescimento de uma civilização sem Deus. A vontade suprema de Deus existe, e nenhuma nação ou sociedade pode viver em paz e prosperidade sem a aceitação desta verdade vital” – (*Luz do Bhagavata*, p.20).

Enquanto valorizando nossa cultura espiritual pessoal e trabalhando para proclamar nossa fé no Krsna de Vrndavana, consideramos inapropriado e descabido para um Vaisnava tentar atrair pessoas para a adoração ao Supremo através de denegrir, representar incorretamente ou humilhar membros de outras comunidades religiosas. Em relação a isto, Bhaktivinoda Thakura escreveu: “Mas não é apropriado propagar constantemente a controversa superioridade dos mestres do próprio país contra a daqueles de outros países, embora talvez se precise, ou talvez até se deva, valorizar a própria crença para adquirir firmeza na fé pessoal. Mas nenhum benefício pode ser auferido ao mundo por essas disputas” (*Sri-Caitanya-Siksamritam*, p. 7). Srila Prabhupada também discute isso em seu significado no *Srimad-Bhagavatam*: “Outro importante ponto em conexão a isto é *anindaya* [evitação de blasfêmia] – não devemos criticar outros métodos religiosos [...]. Um devoto, ao invés de criticar tais sistemas, irá encorajar seus seguidores a serem estritos em seus princípios” (*Srimad-Bhagavatam* 4.22.24, significado).

Vaisnavas se empenham em inspirar e aprimorar a relação do Senhor com Seus devotos. Nesse empreendimento, os devotos encontram outros cuja abordagem ao Supremo é diferente em nuance de adoração, variedade de serviço e expressão de amor. Durante uma palestra pública em 1969, Srila Prabhupada afirmou: “Todos devem seguir os princípios das tradições religiosas ou *sampradayas* de que fazem parte. Isso é requerido da mesma forma que há diferentes partidos

políticos, embora todos devam servir ao mesmo país”. Dessa maneira, a diversidade é aceita, mas sem a exclusão de unidade. As religiões não têm de se tornar homogêneas ou se fundirem, mas elas podem desenvolver relações práticas e respeitadas entre si. Com essa compreensão, a ISKCON não tem por missão *proselitizar* outras fés.

A ISKCON aceita como sua missão receber de braços abertos qualquer alma sincera que declare necessitar de abrigo e orientação espirituais. Há definitivamente um espírito missionário no Vaisnavismo e Hinduísmo, mas sua prática não é regida por um modelo conversionista exclusivista. De uma perspectiva Gaudiya Vaisnava, trabalhamos não com “conversão”, mas com desenvolvimento espiritual. A “conversão”, portanto, é uma experiência individual, uma jornada espiritual pessoal, jornada esta que transcende instituições religiosas e afiliações sectárias. Modelos de conversão que se baseiam na demanda de afiliação exclusivista freqüentemente o fazem desconsiderando a supremacia e independência do Senhor.

Através do diálogo, pessoas de diferentes fés e tradições podem trabalhar juntas para compartilharem princípios e áreas de interesse. Juntas, elas podem então ocupar sua espiritualidade individual em abordar problemas como a guerra, a violência, o aviltamento moral, a criminalidade, a intoxicação, a pobreza e a fome, a instabilidade social e a degeneração do meio ambiente.

Através do diálogo, teístas e aqueles ocupados na busca pela Verdade Absoluta podem se encorajar mutuamente a serem mais sinceros em suas práticas pessoais. Muitas tradições prescrevem as disciplinas de autocontrole, sacrifício, austeridade e caridade como favoráveis ao desenvolvimento da iluminação espiritual, mas todos nós precisamos de encorajamento e inspiração para realizarmos tais empreendimentos. Para satisfazermos às solicitações de nossos mestres espirituais e provermos bons exemplos para a sociedade, precisamos encorajar uns aos outros a sermos fiéis aos princípios de nossas próprias tradições.³

O diálogo interfé oferece um desafio aos devotos de toda tradição. Esse desafio é uma parte necessária e bem-vinda da vida espiritual em um mundo de fés diversificadas. Tal diálogo pode ajudar a fortalecer a fé e o caráter individuais, a integridade e visão das instituições e o apoio e apreciação daqueles que esperam liderança espiritual. O diálogo, por fim, pode conduzir a uma profunda realização de missão no sentido mais amplo do termo.

Parte Terceira

ISKCON: Fundamento Teológico para Diálogo

A teologia Vaisnava e o conceito de religião

Em concordância com vários seguidores da tradição vedanta, os devotos de Krsna fazem distinção entre Consciência de Krsna, ou amor puro por Deus⁴ (*sanatanadharmā*), e aquilo que é comumente entendido por religião (*dharma*). Em sua introdução ao *Bhagavad-gita*, Srila Prabhupada explica:

Sanatana-dharma não se refere a nenhum processo religioso sectário. É a função eterna das entidades vivas eternas em relação ao eterno Senhor Supremo. [...] A palavra *religião* é um pouco diferente de *sanatana-dharma*. Religião está relacionada com fé, e a fé pode mudar. Pode-se ter fé em um determinado processo, mas pode-se mudar de fé e adotar outro, ao passo que *sanatana-dharma* refere-se à atividade que não pode mudar. (*Bhagavad-gita Como Ele É*, p. 16)

Vaisnavas tomam a Consciência de Krsna, ou *sanatana-dharma*, como livre de sectarismo, embora aqueles na prática de *sanatana-dharma* possam individualmente se apegar a uma tradição específica. Srila Prabhupada escreve: “Não advogamos nenhuma religião sectária. Estamos interessados em despertar nosso adormecido amor por Deus. Qualquer método que nos ajude a alcançar tal plataforma é bem-vindo”.⁵ Em seu comentário ao *Upadesamrta* de Rupa Gosvami, Srila Prabhupada itera o tema: “Em todas as partes do mundo, todavia, por mais oprimida que a sociedade humana possa ser, sempre há um sistema religioso [...] Quando um sistema religioso se desenvolve e se torna amor por Deus, ele é bem sucedido”. (*Néctar da Instrução*, verso 4, significado)⁶

O Vaisnavismo, portanto, reconhece a inerente espiritualidade de todos os seres vivos e sua relação individual com o Senhor Supremo, conhecido por diversos nomes. O Vaisnavismo sustenta que a satisfação de cada indivíduo é encontrada no serviço ao Supremo, e “tal serviço devocional deve ser imotivado e ininterrupto para a completa satisfação do eu” (*Srimad-Bhagavatam* 1.2.6). Sem tal serviço, buscamos gozo em algum outro lugar e adoramos semideuses, grandes personalidades, fenômenos naturais ou ídolos, de acordo com atração e circunstância.

O Senhor constantemente reconhece e incentiva Sua relação com a alma individual e reconhece nossas tentativas de conhecê-IO e entendê-IO, mesmo que tentemos de forma imperfeita ou imprópria. Krsna requisita da alma individual: “Abandone todas as variedades de religião e simplesmente renda-se a Mim. Eu lhe livrarei de todas as reações pecaminosas. Não tema” (*Bhagavad-gita* 18.66). Dessa maneira, Ele enfatiza que a relação amorosa recíproca entre Ele e a alma individual é superior a qualquer instituição ou séquito que clame ser Ele inclinado especialmente a seu séquito ou instituição.

A teologia Vaisnava e fundamentos para diálogo

Caitanya Mahaprabhu deixou apenas oito versos, chamados *Sri Sri Siksastaka*. O terceiro desses versos traz: “Aquele que se considera mais baixo do que uma palha, que é mais tolerante do que uma árvore, e não espera honra pessoal, mas, ao mesmo tempo, está sempre pronto para oferecer todo o respeito a outros, pode sem dificuldade alguma cantar o santo nome do Senhor constantemente”. (*Manual Vaisnava*, p 17)

Este verso não deixa dúvidas quanto ao padrão de humildade, respeito e devoção esperado de um Vaisnava de coração puro rendido ao Senhor Krsna. A designação “oferecer completo respeito a todos” pode se aplicar, sem nenhuma dúvida, diretamente às pessoas de outras fés. É compulsório para os devotos do Senhor oferecerem todos os seus respeitos especialmente às pessoas sinceramente se empenhando por amar e servir Deus. Tais respeito, tolerância e humildade formam a base dos relacionamentos Vaisnavas ideais.

O Décimo Canto do *Srimad-Bhagavatam* descreve três estágios progressivos no desenvolvimento dos relacionamentos espirituais: neófito (*kanistha*), maduro (*madhyama*) e o avançado (*uttama*). O *Bhagavatam* apresenta esses estágios como um fenômeno universal a ser analisado entre os devotos de todas as tradições religiosas. O neófito freqüentemente expressa os sentimentos de fanatismo e exclusivismo. O neófito não sabe como se portar na assembléia de devotos. Ele não é capaz de distinguir entre um devoto e um não-devoto (*Srimad-Bhagavatam* 11.2.47, significado) e também não é capaz de representar eficientemente em um diálogo a tradição a que faz parte. Srila Prabhupada adverte: “mas se alguém é dogmático e um seguidor cego, evite discutir com ele”.⁷

O devoto maduro, muito interessado em relacionamentos satisfatórios, (*Srimad-Bhagavatam*, 11.2.46, significado) é capaz de reconhecer devotos de Deus por suas qualidades e sentimentos; ele não os julga pela afiliação religiosa.⁸ Onde a devoção é manifesta, ele reconhece o devoto. O devoto maduro identificará devoção por Deus pela presença de qualquer um dos nove processos devocionais delineados pela autoridade Vaisnava, Prahlada Maharaja.⁹ Srila Prabhupada afirma que, embora dois desses nove processos, chamados audição de som espiritual (*sravanam*) e cantar do nome de Deus (*kirtanam*), sejam especialmente recomendados como os métodos mais efetivos de prática espiritual para esta era, cada um dos nove permanece efetivo em todas as eras. Quando maduro, o devoto desenvolve a visão madura necessária para estabelecer uma relação sincera e de confiança entre membros de outras tradições de fé.

O estágio avançado de fé, a plataforma *uttama*, resulta em realização transcendental. O devoto avançado vê todas as entidades vivas como servas eternas de Krsna e as trata de acordo. Ele não terá interesse em designações sectárias de raça, casta, sexo ou religião e irá renunciar toda a associação mundana e materialista em prol da associação com aqueles dedicados ao serviço devocional puro à Suprema Personalidade de Deus.

O Vaisnavismo reconhece que a vida espiritual ou religiosa se refere essencialmente a uma relação individual pessoal entre uma alma individual eterna e a Alma Suprema igualmente

eterna. Embora o devoto execute variados serviços que podem comprazer o Senhor, o Senhor Supremo concede realização espiritual e amor devocional puro por Sua benevolente vontade. Assim, adeptos do Vaisnavismo rejeitam a idéia de que alguma religião ou organização possa ter o monopólio da verdade ou da relação transcendental da alma com o Senhor Supremo, que é regida unicamente pelo Senhor. Os Vaisnavas aceitam que Krsna, Deus, é livre para reciprocitar amor com qualquer indivíduo que Ele assim queira, sem considerações de cor, casta ou credo.

Parte Quarta

Princípios e Diretrizes para a Aproximação de Pessoas com Fé em Deus

Princípios

Os princípios que se seguem ajudarão os membros da ISKCON na aproximação de membros de outras comunidades religiosas. Os princípios são aqui apresentados de forma concisa, e requerem meticulosa consideração.

(1) Humildade. A tradição Gaudiya Vaisnava estabelece que esta é a chave para a construção de relacionamentos espirituais.

(2) A natureza ilimitada de Krsna. A Verdade Absoluta universal. Nenhum indivíduo ou organização tem monopólio sobre o Senhor. Ele Se revela onde, quando, como e para quem Ele queira.

(3) Honestidade. Sempre ser honesto e verdadeiro. Esta é a base para a confiança em relações bem-sucedidas.

(4) Respeito. Sempre permaneça respeitoso, mesmo que você não recebe o mesmo respeito em troca. O Senhor Caitanya diz *amanina manadena*: “deve-se estar pronto para oferecer todo o respeito aos outros sem esperar qualquer respeito para si”.

(5) Tolerância. Quando você interage com pessoas que são desrespeitosas ou insensíveis às nossas tradição e cultura, talvez por terem feito suposições desinformadas sobre nós, você terá de ser tolerante, explicar-se de forma polida e desculpar seus equívocos.

(6) Consideração de tempo, local e circunstância. Use seu bom senso e discernimento para desenvolver relações. Seja sensível ao seu interlocutor ou audiência.

(7) Compreensão mútua. Esteja pronto para ouvir os outros, para entender sua língua, assunções, cultura e valores. Não julgue, portanto, a prática alheia a partir de seus ideais. O ato de compartilhar será mais efetivo se partir de realizações pessoais.

(8) Realização pessoal. Devemos cultivar sinceramente nossas próprias realizações espirituais em Consciência de Krsna se queremos representar de forma efetiva o movimento de *sankirtana*.¹⁰ Tente falar de exemplos e realizações pessoais.

(9) Relacionamentos pessoais. A tradição Vaisnava se sustenta em relacionamentos pessoais sinceros. Podemos viver sem a filosofia, sem ritual e sem a instituição, mas não podemos viver sem nossa relação amorosa e serviçal com Krsna e Seus devotos.

(10) Boa conduta. Srila Prabhupada diz: “A conduta ou comportamento do devoto estabelece o verdadeiro propósito dos princípios religiosos”. (*Sri Caitanya-caritamrta*, Madhya-lila 17.195)

Diretrizes

- O principal objetivo é formar genuínas relações de amizade que promovam compreensão e respeito.
- Ouvir e valorizar as apresentações de membros de outras fés com respeito.
- Dar aos membros de outras fés a oportunidade de expressarem livremente suas crenças e convicções sinceras.
- Permitir aos membros de outras fés se definirem em sua própria língua e cultura sem lhes impor definições, evitando, assim, comparar a prática deles com nossos ideais.
- Respeitar a dieta, vestes, rituais e etiqueta dos outros.
- Reconhecer que todos nós podemos estar abaixo do padrão ideal de nossas respectivas tradições.
- Não deturpar ou rebaixar as crenças ou práticas religiosas de outros. Se você quer compreender suas crenças, inquiria educada e humildemente.
- Respeite que outros têm compromisso com sua fé escolhida.
- Seja honesto e franco sobre suas intenções. Isso é apreciado por aqueles que você encontra, e ajuda no desenvolvimento de uma relação de confiança.
- Seja sensível e cortês com todos que você se encontre ou a quem você seja apresentado, mesmo que você não tenha a chance de se interagir em um nível mais profundo.
- Respeito o direito dos outros de discordarem e seu desejo de ficarem sós.
- Não há nunca a necessidade de comprometer sua própria filosofia e valores.
- Quando em diálogo com pessoas religiosas, você não tem de se sentir na necessidade de convertê-las.
- Você se encontrará com religiosos fundamentalistas e estudiosos ateístas. Ofereça-lhes o devido respeito e siga em frente. Diálogo sincero sobre temas espirituais provavelmente não será possível com eles.
- Não tema responder uma pergunta com “não sei”. Honestidade é melhor do que especulação.

Parte Quinta

Respostas

A declaração de interfé da ISKCON é uma discussão em andamento, uma declaração que cordialmente requisita respostas. Como **Michael Igrave**, Assessor de Relações de Interfé do Conselho Arquiepiscopal [*Interfaith Relations to the Archbishops Council*] (Igreja da Inglaterra), menciona em sua resposta que este “tem o potencial de funcionar como um texto muito bem aplicável”. Embora a maior parte das respostas recebidas tenha sido positiva em sua análise, elas também foram freqüentemente francas em suas discussões quanto às falhas, e isto, é claro, também faz parte do diálogo.

Este pequeno prospecto pode apenas delinear alguns dos principais temas desenvolvidos nas respostas. As respostas integrais podem ser encontradas em www.iskcon.com/icj/responses.htm.

Uma reação natural para quando vemos outra tradição de fé disputando neste vívido tópico é examinar a abordagem de nossa própria fé. **Monsignor Machado**, o subsecretário do Conselho Pontifício para Diálogo Interreligioso [*Pontifical Council for Interreligious Dialogue*] e estudioso das tradições de bhakti (dais quais ISKCON é uma), estudou cuidadosamente os documentos vaticanos, incluindo a declaração *Nostra Aetate*. Ele apresenta uma resenha minuciosa, ponto por ponto, esboçando, ao mesmo tempo, a compreensão de diálogo interfé da Igreja Católica. Nesse, ele lembra o leitor que “diálogos começam, crescem de maneira autêntica e produzem frutos, apesar das dificuldades, quando têm o sólido fundamento da confiança mútua entre as partes”.

A natureza pessoal do diálogo interfé ocupou muito da declaração original e das repostas subseqüentes. **Brian Pearce**, Diretor da Rede de Interfé do Reino Unido [*UK's Interfaith Network*], lembra-nos que, “em diálogo, estamos nos encontrando com pessoas – e pessoas vêm de uma parte em particular de sua tradição e falam de sua experiência pessoal com ela. Não dialogamos com categorias conceptuais ou conceitos”. Ou, como **John Borelli**, Conferência Nacional Estadunidense de Bispos Católicos [*US National Conference of Catholic Bishops*], coloca: “Religiões não dialogam; pessoas dialogam”.

Na declaração de interfé da ISKCON, muito é feito pela necessidade de respeitar. Isso nos leva a alguns desafios interessantes. **Gavin D'Costa**, Departamento de Teologia da Universidade de Bristol (Reino Unido), pergunta como é isto de a ISKCON valorizar “comunidades e organizações [não-teístas] advogando padrões humanitários, éticos e morais” quando o Vaisnavismo ensina que “a Consciência de Deus é o pré-requisito para se agir de forma ética e correta”. Ele sugere que “o documento parece emborcar este elemento na tradição, e requer uma justificação mais elaborada para isto do que a apresentada”.

Hans Ucko, Conselho Mundial de Igrejas [World Council of Churches], aborda o medo de base comum de que o diálogo interfé é uma tentativa de construir uma “superreligião de amor universal, um sentimento de amizade global e uma consciência cósmica modelada para o século XXI, [...] similar a um mistura de sorvete e gelatina: fácil de engolir, mas sem substância”. O grande desafio de tal percepção é definir uma base teológica para o diálogo interreligioso. Essa base teológica é responsável pelas respostas mais apaixonadas.

Michael Ipgrave caracterizou a declaração como se fundamentando na “ortopraxia (ação correta) em uma fé séria, ortodoxa e correta”. Felix Machado, em sua resposta, provê para comparação uma base teológica Católica para diálogo, citando o presente Papa: “à medida que nos abrimos para diálogo com outros, abrimos a nós mesmos para Deus”. Gavin D’Costa toma a base teológica da declaração como “a seção mais importante, a partir da qual a coerência e integridade do restante do documento serão julgadas” e segue com uma abordagem intra-sistemática analisando o documento por sua lógica interna.

A declaração da ISKCON afirma que “nenhuma religião é dotada com o monopólio da verdade”. Um teólogo protestante alemão, **Ulrich Dehn**, acredita que isto é “uma percepção que poderia muito bem ser escrita no diário de alguns Cristãos”. Todavia, refletindo em infelizes encontros anteriores, ele também desafia a ISKCON a colocar em prática a teoria de sua declaração de interfé.

Gavin D’Costa achou que a distinção Vaisnava entre “amor puro por Deus e aquilo que é comumente entendido por religião”, “possibilita uma unidade essencial entre as pessoas na devoção delas a uma deidade pessoal, sejam elas Cristãs, Judias, Hindus ou Muçulmanas”.

Vigário Anglicano e Co-Presidente do Congresso Mundial de Fés [World Congress of Faiths], **Marcus Braybrooke**, interessou-se nos três níveis de devotos descritos na declaração: (1) o devoto imaturo que expressa “fanatismo e exclusivismo”; (2) o devoto maduro, que “é capaz de reconhecer devotos de Deus pela qualidade de suas vidas ao invés de suas afiliações religiosas”, e (3) o devoto avançado que apenas vê os outros como servos de Deus. Ele faz a interessante observação de que “embora alguns líderes religiosos reconheçam este estágio avançado [o terceiro], religiões, como tais – e mesmo muitas organizações de interfé –, operam no segundo estágio”. Ele adiciona: “Muitos de nós precisamos de uma comunidade de fé pela qual sejamos sustentados e para a qual possamos contribuir. Mas, ainda assim, também necessitamos ser incomodados pelos devotos avançados que nos lembram que Deus é livre para reciprocamente amar com qualquer indivíduo que Ele assim queira”.

Outro ponto complexo no diálogo de interfé é a questão da conversão. No que refere a isto, a rabina **Jacqueline Tabick** nos adverte que “as atividades do começo do movimento Hare Krsna conduziram a comunidade Judaica a portar-se com grande desconfiança”. Ela adiciona que “verdadeiro diálogo só pode acontecer entre aqueles que não têm *conversão* não agenda e que estão seguros de suas fés”.

Alan Unterman, de uma perspectiva Judaica ortodoxa, levanta um desafio mais robusto para a ISKCON neste ponto. Ele descreve uma contradição na declaração de interfé da ISKCON entre “uma série de declarações indicando uma perspectiva negativa à atividade missionária” e os Sete Propósitos da ISKCON, que ele acredita que “fazem o missionarismo e a conversão um aspecto central da postura da ISKCON”. Em resumo, ele acredita que “o documento da ISKCON talvez caiba como um posicionamento tipicamente sectário”.

Kenneth Cracknell, em sua resposta, também aborda a freqüente má reputação da ISKCON, citando um membro da ISKCON dizendo que a Sociedade havia desenvolvido a reputação de ser como uma “espécie de organização fundamentalista, sempre em busca de conversões e aprimoramento pessoal”. A mesma pessoa também disse que ela “foi para a Consciência de Krsna porque o movimento personificava o princípio universal do Amor por Deus de forma a englobar, e não excluir, outras religiões”.

Foi mencionado acima que a declaração de interfé da ISKCON não é a palavra final no diálogo; Cracknell, explanando parte da história da ISKCON e seus empreendimentos em interfé, lembra-nos que também não é a primeira, e acredita que as diretrizes na declaração “refletem o compromisso energético, sincero e incondicional da ISKCON neste campo”. Ele examina o escopo do diálogo Vaisnava-Cristão, tanto em uma dimensão teológica quanto de uma profunda experiência pessoal. “Será”, ele pergunta, “que nossos melhores parceiros no diálogo Cristão-Hindu são aqueles das tradições de bhakti? Não poderíamos, de nosso ponto de vista Cristão, abordar isso como algo providencial de Srila Prabhupada ter tão brilhantemente pregado entre os Ocidentais? Não poderíamos dizer que Deus, através dos ensinamentos deste homem, não levantou uma nova geração de interpretes do devocionalismo bhaktiniano? Não poderia se tratar de um novo *kairos*, ou momento decisivo, na longa e incerta história das relações Cristãs-Hindus?

Apêndice Primeiro

Os Sete Propósitos da ISKCON

1. Propagar sistematicamente o conhecimento espiritual para a sociedade em geral, e educar todas as pessoas nas técnicas da vida espiritual, a fim de avaliar os valores da vida que estão em desequilíbrio, e para alcançar a unidade verdadeira e a paz no mundo.
2. Propagar a consciência de Krsna como ela é revelada no *Bhagavad-gita* e no *Srimad-Bhagavatam*.
3. Unir os membros da Sociedade uns com os outros e fazê-los mais próximo de Krsna, a entidade primordial, e, assim, desenvolver entre os membros e a humanidade em geral a idéia de que cada alma é uma parte e parcela da qualidade do Supremo (Krsna).
4. Ensinar e encorajar o movimento *sankirtana* do canto congregacional do santo nome de Deus, conforme revelado nos ensinamentos de Sri Caitanya Mahaprabhu.
5. Erigir para os membros, e para a sociedade em geral, um local sagrado de passatempos transcendentais dedicados à Personalidade de Krsna.
6. Manter os membros unidos com o propósito de ensinar um modo de vida mais simples e mais natural.
7. Visando alcançar os propósitos supramencionados, publicar e distribuir periódicos, revistas, livros, e outros escritos.

Apêndice Segundo

Recursos

Artigos do ISKCON Communications Journal

ICJ 1.1, junho de 1993

‘Contemporary Theological Trends in the Hare Krsna Movement: A Theology of Religions’ por Dr Kim Knott

ICJ 1.2, dezembro de 1993

‘New Religious Movements and Interfaith Dialogue’ por Dr Gordon Melton

‘A League of Devotees: My Search for Universal Religion’ por Ranchor Dasa

ICJ 2.1, junho de 1994

‘ISKCON at the Crossroads?’ por Dr. Julius J. Lipner

ICJ 2.2, dezembro de 1994

‘Looking for the Dearest Friend’ por Ranchor Dasa

ICJ 3.2, dezembro de 1995

‘Christian and Jewish Responses to ISKCON: Dialogue or Diatribe?’ por John A. Saliba SJ

ICJ 4.1, junho de 1996

‘The Four Principles of Interfaith Dialogue and the Future of Religion’ por Kenneth Cracknell

‘Hinduism In Interreligious Dialogue’ por Daniel Acharuparambil, OCD

‘The Nature of the Self, A Vaisnava-Christian Conference’ Conferência reportada por Kenneth Cracknell, Keith Ward e Ravendra Svarupa Dasa

ICJ 4.2, dezembro de 1996

‘The Hare Krsna Movement: An Illustration of the Interaction between NRM, Traditional Religion and Social Institutions’ por Aravind Sharma

‘Has ISKCON Anything to Offer Christianity Theologically?’ por Kenneth Rose

‘Dialogue with ISKCON: A Roman Catholic Perspective’ por John A. Saliba, SJ

‘The Destiny of the Soul, A Vaisnava-Christian Conference’ Conferência reportada por Francis X. Clooney, SJ, Klaus Klostermaier e Tamal Krsna Gosvami

ICJ 6.1, junho de 1998

‘Religion, Community and Conflict’ Conferência reportada por Maurice Ryan ‘The Everlasting Soul, A Vaisnava-Christian Conference’ Conferência reportada por Judson Trapnell

ICJ 7.1, junho de 1999

‘ISKCON in Relation to People of Faith in God’ por Saunaka Rsi Dasa

ICJ 7.2, dezembro de 1999

‘Responses to ISKCON in Relation to People of Faith in God’ por John Borelli, Marcus Braybrooke, Gavin D’Costa, Michael Ipgrave, Felix Machado, Brian Pearce, Jacqueline Tabick e Alan Unterman

ICJ 8.1, junho de 2000

‘Responses to ISKCON in Relation to People of Faith in God’ por John Borelli, Marcus Braybrooke e Gavin D’Costa

‘ISKCON and Interfaith Dialogue’ por Kenneth Cracknell

ICJ 8.2, março de 2001

‘A Comparative Look at the Issue of Authority’ por Thomas J. Hopkins

ICJ 9.1, setembro de 2001

‘Fourth Annual Vaisnava-Christian Conference’ Conferência reportada por Gerald T. Carney

Outras publicações relevantes:

- Cracknell, K. *Justice, Courtesy and Love: Theologians and Missionaries Encountering World Religions, 1846-1914*. London: Epworth Press, 1995.
- Cracknell, K. *Towards a New Relationship: Christians and People of Other Faiths*. Westminster: Epworth Press, 1986.
- Devanandan, Paul D. *Preparation for Dialogue*. Bangalore: CISRS, 1964.
- Eck, D. L. *Encountering God: A Spiritual Journey from Bozeman to Banaras*. Boston: Beacon Press, 1993.
- Gelberg, Steven J. (Subhananda Dasa). 'Krsna and Christ: ISKCON's Encounter with Christianity in North America' in *Hindu-Christian Dialogue: Perspectives and Encounters*. Ed. Coward, H. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1989.
- Gelberg, Steven J. (Subhananda Dasa). 'Krsna Consciousness and Other Faiths' in *ISCKON Review* Vol. 4, 1986.
- Hick, J. *God Has Many Names: Britain's New Religious Pluralism*. London: Macmillan, 1980. (Many personal experiences are recounted in this book.)
- Klostermaier, K. K. and Fonseca, A. *Hindu and Christian in Vrindaban*. London: Student Christian Movement Press, 1969.
- Knitter, P. F. *Jesus and the Other Names: Christian Mission and Global Responsibility*. Oxford: Oneworld, 1997.
- Küng, H. and Bowden, J. *A Global Ethic for Global Politics and Economics*. London: SCM Press, 1997.
- Küng, H. *Christianity and the World Religions: Paths of Dialogue with Islam, Hinduism, and Buddhism*. London: Collins, 1987.
- Nostra Aetate: The Relation of the Church to Non-Christian Religions. Proclaimed By His Holiness Pope Paul VI. 28 October 1965. <www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_en.html>
- Panikkar, R. *The Trinity and the Religious Experience of Man: Icon-Person-Mystery*. Maryknoll, N.Y: Orbis Books, 1973.
- Panikkar, R. *The Unknown Christ of Hinduism: Towards an Ecumenical Christophany*. London: Darton Longman & Todd, 1981.
- Robinson, J. A. T. *Truth is Two-Eyed*. London: SCM Press, 1979. (Robinson spent six months in 1976 travelling in India, Hong Kong and Japan undertaking Hindu-Christian dialogue, and his reflections are valuable.)
- Samartha, S. J. and World Council of Churches. *Faith in the Midst of Faiths: Reflections on Dialogue in Community*. Geneva: World Council of Churches, 1977.
- Smith, W. C. *The Faith of Other Men*. New York: New American Library, 1963.
- Smith, W. C. *Towards a World Theology: Faith and the Comparative History of Religion*. London: Macmillan, 1981..
- Ward, K. *Images of Eternity: Concepts of God in Five Religious Traditions*. London: Darton Longman and Todd, 1987.
- Whaling, F. *Christian Theology and World Religions: A Global Approach*. Basingstoke: Marshall Pickering, 1986.
- World Council of Churches. *Guidelines on Dialogue with People of Living Faiths and Ideologies*. Geneva: World Council of Churches, 1979. (Seminal document, in use in World Council of Churches member churches since the WCC Central Committee, Kingston, Jamaica, 1979.)

Notas

Desde a publicação de “A Iskcon em Relação a Pessoas com Fé em Deus”, a Sociedade incorporou o diálogo interfé, em princípio e prática, como uma unidade fundamental em seu ensino superior teológico em Radhadesh, Bélgica.

1. Os sete propósitos da ISKCON, como estabelecidos por Srila Prabhupada, são reproduzidos integralmente no Apêndice primeiro.
2. Um *pranama-mantra* é um *mantra* (ou oração) em respeito e glorificação. É tradicional que os discípulos de um mestre espiritual, ou pessoa pessoa, cantem um *pranama-mantra* especificamente composto para sua glorificação.
3. Em relação a isto, Srila Prabhupada escreveu: “Não importa qual conjunto de princípios religiosos se siga: a única injunção é que se deve segui-los estritamente. Quer a pessoa seja Hindu, Islamita ou Cristã, ela deve seguir os princípios de sua religião particular”. – *Srimad-Bhagavatam* 5.26.15, significado.
4. O amor por Deus é definido por devotos Vaisnavas no *Srimad-Bhagavatam* 1.2.6: “A ocupação suprema e eterna de toda a humanidade é aquela pela qual os homens podem obter o serviço devocional amoroso ao Senhor transcendental. Tal serviço devocional deve ser imotivado e ininterrupto para a completa satisfação do eu”; e no *Bhaktirasamrta-sindhu* 1.1.11: “Quando o serviço devocional de primeira classe se desenvolve, deve-se estar destituído de todos os desejos materiais, conhecimento obtido pela filosofia monista e ações frutivas. O devoto deve constantemente servir Krsna de maneira favorável, como deseja Krsna”.
5. Carta de Srila Prabhupada a Rupanuga Dasa em 3 de junho de 1968.
6. A fim de entender esse desenvolvimento de religião, tanto individual quanto coletivamente, pode-se estudar a filosofia Vaisnava em termos dos paradigmas de *karma*, *jñana* e *bhakti*. Os fundamentos dessa perspectiva são bem apresentados por Ravindra Svarupa Dasa em seu artigo ‘*Religion and Religions*’ [sem tradução para o português], *ISKCON Communications Journal*, Vol. 1, 1993.
7. Carta de Srila Prabhupada a Tosana Krsna Dasa em 23 de junho de 1970.
8. Para ilustrar este ponto, Srila Prabhupada observou que “não há diferença entre um Cristão puro e um devoto de Krsna sincero” (Conversa em sua sala, Bombaim, 5 de abril de 1977).
9. No *Srimad-Bhagavatam* 7.5.23–4, os nove processos são listados como: (1) ouvir e (2) cantar sobre os transcendentais santo nome, forma, qualidades, parafernália e passatempos do Senhor Visnu, (3) lembrar-se deles, (4) servir os pés de lótus do Senhor, (5) oferecer ao Senhor respeitosa adoração com dezesseis tipos de parafernália, (6) oferecer orações ao Senhor, (7) tornar-se Seu servo, (8) considerar o Senhor como o melhor amigo e (9) render-se completamente ao Senhor (em outras palavras, servi-LO com corpo, mente e palavras).
10. Srila Prabhupada explicou o que se entende por realização. “Realização pessoal não significa que se deve, movido por vaidades, tentar demonstrar a própria compreensão tentando superar os *acaryas* anteriores. A pessoa deve ter completa confiança nos *acaryas* predecessores e, ao mesmo tempo, deve realizar o tema em pauta de maneira tão precisa que possa apresentá-lo na circunstância particular de maneira apropriada”. – *Srimad-Bhagavatam* 1.4.1, significado.

Srila Prabhupada também delineou o conhecimento básico que um pregador deve ter para transmitir sua mensagem. Deve-se entender que o Senhor é “o desfrutador Supremo, o proprietário de tudo e o benquerente e melhor amigo de todos”. – *Srimad-Bhagavatam* 7.6.24, significado.

Bibliografia

A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. *Bhagavad-gita Como Ele É*. Brasília: Bhaktivedanta Book Trust, 2001.

— — *Luz do Bhagavata*. Brasília: Bhaktivedanta Book Trust.

— — *Néctar da Instrução*. Brasília: Bhaktivedanta Book Trust.

— — *Sri Caitanya-Caritamrta*. Brasília: Bhaktivedanta Book Trust.

— — *Srimad Bhagvatam*. Brasília: Bhaktivedanta Book Trust.

Ravindra Svarupa Dasa. 'Religion and Religions,' in *ISKCON Communications Journal*, Vol. 1. junho de 1993.

Songs of the Vaisnava Acaryas. Juhu, Bombaim: Bhaktivedanta Book Trust, 1991.

Thakura, Bhaktivinoda. *Sri-Caitanya-Siksamrtam*. Madras, Índia: Sri Gaudiya Math, 1983.

Este documento é a primeira declaração oficial da Sociedade Internacional para a Consciência de Krsna (ISKCON) no que concerne a relação da Sociedade com outras pessoas de fé em Deus. Ele representa um importante passo para a integração social e amadurecimento da ISKCON. À medida que a ISKCON cresce, ampliam-se sua base de membros e influência, e, por conseguinte, deve-se também aceitar maiores responsabilidades. A ISKCON é o primeiro movimento Vaisnava global e, como tal, tem a necessidade e responsabilidade de abordar sua relação com outras comunidades de fé. Esta declaração serve como exposição do propósito da ISKCON e como uma base significativa para as relações daqueles que dialogam com a Sociedade. Para os membros da ISKCON, este provê princípios, diretrizes e perspectivas claros para o relacionamento com membros de outras fés.

